

A descrição da pronúncia portuguesa nas primeiras gramáticas para alemães

Barbara Schäfer- Prieß

LMU München

Barbara.schaefer@romanistik.uni-muenchen.de

Data de receção do artigo: 02-07-2012

Data de aceitação do artigo: 16-07-2012

Resumo

O artigo trata da descrição da pronúncia do português nas três primeiras gramáticas redigidas em alemão (Junk 1778, Meldola 1785, Wagener 1800-1802), considerando especialmente as mudanças fonéticas que se supõe terem ocorrido nesta época. Será demonstrado o quão difícil é obter resultados confiáveis, devido a certos factores que podem impedir uma descrição adequada. Sustenta-se que, tomando tudo isso em consideração, textos metalinguísticos de tempos passados podem, porém, ser considerados como uma fonte importante para a reconstrução da pronúncia.

Palavras chave: história da pronúncia portuguesa – história da gramaticografia portuguesa – século XVIII

Abstract

The article deals with the description of Portuguese pronunciation in the three earliest grammars written in German (Junk 1778, Meldola 1785, Wagener 1800-1802), with special regard to the sound changes which are supposed to have occurred in this period. It will be demonstrated how difficult it is to obtain reliable data, due to certain factors that can impede an appropriate description. It is argued that, bearing this in mind, metalinguistic texts of past times can nevertheless be considered an important source for the reconstruction of pronunciation.

Keywords: history of portuguese pronunciation – history of portuguese grammatography – 18th century

Introdução

Entre os séculos XVII e XIX produziram-se no português europeu algumas mudanças linguísticas fulcrais no domínio da fonética, sem que os pormenores estejam todavia completamente esclarecidos hoje. Os textos metalinguísticos, por exemplo as ortografias ou as gramáticas, e, em particular, os manuais para estrangeiros, nos quais é previsível a inclusão de descrições precisas da articulação dos sons a partir de uma comparação com a língua de partida, podem revelar-se úteis para reconstruir a pronúncia contemporânea. Os manuais para ingleses e franceses já foram estudados a este respeito, faltando contudo uma análise semelhante das três gramáticas alemãs que foram publicadas em finais do séc. XVIII.

1. As primeiras gramáticas do português para alemães

As primeiras gramáticas destinadas à aprendizagem do português, publicadas na Alemanha, apareceram em finais do século XVIII, relativamente tarde, se compararmos com outras línguas modernas como o francês, o italiano ou o espanhol. Foram publicados três manuais em menos de trinta anos, escritos com motivações distintas e por autores com fundo cultural e uma formação diferentes.

A primeira das gramáticas (*Portugiesische Grammatik*) foi publicada em Francoforte do Óder (Frankfurt an der Oder), em 1778, sem identificação explícita do autor. É atribuída a Johann Andreas von Junk, um militar que tinha vivido em Portugal nos anos sessenta daquele século, como membro integrante da tropa do Conde de Lippe, enviado para Portugal em 1762 para apoiar o exército português na guerra contra a aliança franco-espanhola. O próprio Junk (1778: I, 5) diz no prefácio da gramática que esta se destinava a facilitar a aprendizagem do português aos oficiais suíços e alemães que ainda viriam a Portugal numa possível continuação da guerra. O conde tinha em vista que ela fosse adotada como manual oficial da tropa (Nagel 1980: 362). Contudo, a guerra terminou logo em 1763, e a reforma do exército, iniciada pelo Conde de Lippe, foi descontinuada depois de 1764, devido ao desinteresse do governo pombalino (Serrão s.d.: 408). Já de volta a Alemanha, Junk retomou o seu trabalho nos anos setenta. Tendo em vista a possibilidade de novos conflitos entre Portugal e Espanha, considerava possível a intervenção de militares suíços e alemães, que, todavia, nunca chegou a ter lugar. Segundo Nagel

(1980: 362), a obra destinava-se sobretudo ao “Handel und Gewerbe” (“negócio e comércio”), mas a afirmação

Wenn auch außerdem Handel und Gewerbe viele unserer Landsleute dahinzugehen versucht, so habe ich bei diesem Werk vornehmlich auf solche Personen Rücksicht genommen, die zwar keine wissenschaftliche Erziehung genossen, von denen aber zu vermuthen ist, dass sie nicht ganz vernachlässigt sind, sondern in ihrer Jugend Begriffe von einigen zum Bau der Sprache gehörigen Dingen erlangt, und ihren Donat nicht ganz vergessen haben. (Junk 1778: 1,6)

(Por outro lado, ainda que grande número dos meus compatriotas vão ali tentados pelo comércio e os ofícios, eu tomei em consideração nesta obra principalmente aquelas pessoas que, não tendo gozado de uma educação científica, deixam contudo supor que não estão completamente descuidadas, mas que aprenderam na mocidade alguns conceitos das coisas pertencentes à construção da língua e não se esqueceram completamente do seu Donato)

parece-me dizer, ao contrário, que o autor considerava a gramática como pouco apropriada para comerciantes, porque esta pressupunha conhecimentos de latim que aqueles não teriam. Na minha opinião, a nota introdutória indica que Junk concebeu a gramática, deixando de parte os militares, para um público erudito (“Gelehrte”, Junk 1778: 1,7), pelo que também incluiu extensas informações sobre a literatura portuguesa.

No prefácio (1778: 1,4) Junk diz que começara a aprender português durante a sua estadia em Portugal de cerca de dois anos. Queixa-se da falta de gramáticas (“Sprachlehren”) portuguesas para alemães e afirma que se tinha de contentar com gramáticas luso-francesas e italianas (“portugiesisch-französische und italiänische Grammatiken”, Junk 1778: 1,4). Os preceptores que contratou eram estrangeiros que tinham residido muito tempo em Portugal (“Ausländer [...], die sich lange in Portugal aufgehalten”, *ibid.*). Junk não menciona contactos com portugueses. Afigura-se difícil avaliar o grau de domínio da língua portuguesa por parte de Junk; aparentemente, sabia ler português, mas é possível que não estivesse muito familiarizado com o que nos interessa peculiarmente nesse âmbito, a pronúncia.

O autor da segunda gramática (*Nova Grammatica Portugueza*, Hamburgo 1785; Körner 1994: 375), Abraham Meldola (1754-1826), era um notário, tradutor e cantor litúrgico que nasceu e morreu em

Amsterdão, e era membro da comunidade sefardita de Hamburgo (Heinsohn (red.) 2006: 188). Quanto ao público alvo, lemos no *Prefácio*:

<p>A <i>Seista Parte</i> [da Nova Grammatica Portugueza], comprehende huma <i>Miscellanea, Portugueza</i> em Prosa & Verso, sacada dos mais seletos Autores de Portugal, na qual nam cuidei somente em instruir a mercancia, mas tambem pensei a divertir a o estudioso.</p>	<p>Der <i>letzte Theil</i> besteht in einer Portugiesischen Sammlung von prosaischen und poetischen Aufsätzen, die ich aus den besten Schriftstellern Portugals gezogen habe, und wobey ich nicht allein für den Kaufmann, sondern auch für den Gelehrten gewählt habe. (Meldola 1785: 11)</p>
--	--

Nas duas versões Meldola dirige-se a comerciantes, mas só na versão alemã alude também aos eruditos (“Gelehrte”), enquanto que na versão portuguesa realça o divertimento dos aprendizes.

Na época de Meldola, o português era ainda comum¹ entre os sefarditas locais, sem que tenha evoluído uma variedade nitidamente distinta da língua padrão comparável ao judeu-espanhol (*judezmo*) no sudeste da Europa. É possível, porém, que houvesse particularidades na pronúncia que não se refletem a nível escrito.

O texto da gramática é apresentado em duas colunas paralelas em português e alemão, em forma de um diálogo entre um mestre (“Lehrer”) e o seu discípulo (“Schüler”), fazendo o mestre perguntas, às quais o discípulo responde. Não só este procedimento, mas o próprio texto integral da *Orthographia, Etymologia* e *Syntaxe* foi adaptado das *Regras da língua portuguesa* (21725) de Jerónimo Contador de Argote.

Meldola copia o texto de Argote, palavra por palavra, e traduz este para alemão. Faz o mesmo com a *Orthographia* de João de Morais Madureira Feijó (1734) no “Suplemento da arte portugueza” (“Anhang zu der portugiesischen Sprachkunst”, Meldola 1785: 342-396). No entanto, Meldola não oculta os nomes dos seus modelos da primeira metade do século, pois afirma no *Preface (Vorbericht)*: “Nisso segui os vestígios dos Reverendissimos Padres Feijo & Jeronimo, cuyas [sic] Pennas escreveram ampliamente sobre esta maneira, sendo os seus

1 Körner (1994: 375) diz no entanto: “Em 1633 o Português [sic] fora língua tão usada em Hamburgo, que nela se imprimiu uma gramática de Hebraico. Entretanto (1785) tornara-se uma língua de cultura que urgia salvar com uma gramática.”

preceitos ate o presente admittidos dos mais doutos”. (Meldola 1785: 10)

Os outros autores que menciona são também todos do início do século ou mesmo do séc. XVII: o erudito francês Bernard Lamy, o lexicógrafo Rafael Bluteau, o gramático e lexicógrafo Bento Pereira, e o ortógrafo João Franco Barreto. Seguindo as suas fontes, Meldola trata da pronúncia em dois capítulos diferentes: no início do livro, no capítulo *Orthographia* (do texto de Argote), e no *Suplemento*, que é em grande parte uma cópia da *Orthographia* de Madureira Feijó (Pinho 2006). Há, porém, na tradução alemã, algumas poucas informações adicionais, quando Meldola se refere a correspondências em alemão. Meldola conhecia a gramática de Junk, que critica por regras desfasadas do uso do português e por incluir formas erróneas. (Meldola 1785: 7)

Pouco se sabe a propósito de Johann Daniel Wagener (Mühlschlegel 2011: 7). Ele próprio chama-se “doutor e preceptor das línguas portuguesa e espanhola” (“Doctor und Lehrer der portugiesischen und spanischen Sprache”, Mühlschlegel 2011: 7). Segundo Mühlschlegel, Wagener dominava, além do alemão, o espanhol e o português, bem como o francês e o italiano, e dedicou-se sobretudo à linguagem comercial. A sua *Portugiesische Sprachlehre* foi publicada em Hamburgo, em dois volumes, em 1800 e 1802. Já em 1794 tinha publicado uma *Spanische Sprachlehre*, que lhe serviu de modelo para a gramática portuguesa. É, de facto, impossível avaliar a gramática portuguesa sem considerar a espanhola. Wagener diz no prefácio (“Erinnerung”), que não encontrou precursores (“Vorarbeitungen”), embora pareça improvável que não conhecesse as gramáticas de Junk e Meldola, tendo a última sido publicada poucos anos antes na mesma cidade.

Não se pode determinar quando e como Wagener aprendeu o português e em que medida o dominava. No prefácio ao seu *Novo dictionario portuguez-alemão e alemão-portuguez* de 1811 (publicado, portanto, nove anos após da *Sprachlehre*), afirma que tinha aumentado os seus conhecimentos graças às relações com Portugal e com os “portugueses polidos” (“polirten Portugiesen”, Mühlschlegel 2011: 9), o que não implica necessariamente que conhecesse o país. Segundo o prefácio, Wagener escreveu a gramática, em primeiro lugar, para aumentar os conhecimentos dos alemães sobre Portugal e outros países lusófonos e, em segundo lugar, para contribuir para o

“conhecimento comercial” do português (“Kaufmännische Kenntnis von Portugal”, Wagener 1802: II, *Erinnerung*).

2. As mudanças fonéticas nos séculos XVII e XVIII

As mudanças fonéticas que se produziram a partir do séc. XVII no português são, segundo Teyssier (2007: 63-77), e em concordância com Révah (1959: 281-291), as seguintes:

1. Monotongação de [ow] em [o]
2. Passagem de [tʃ] a [ʃ]
3. Chiamento
4. “Redução” das vogais átonas

As datações destes fenómenos são incertas. Não se sabe exatamente quando apareceram e quando se estabeleceram na língua padrão. Parece, porém, que 1. e 2. ocorreram mais cedo (séc. XVII) do que 3. (início do séc. XVIII) e 4. (final do séc. XVIII ou início do XIX). Quais são, então, as descrições dos fenómenos acima mencionados que os três autores alemães oferecem nas suas gramáticas?

2.1. Monotongação de [ow] em [o]

Junk indica para o ditongo *ou* as três pronúncias *ou*, *oi* e *o*:

Ou wird von einigen wie *oi* ausgesprochen, so daß sie *ouro*, Gold, *oiro*, *outro*, ein anderer, *oitro* lesen; allein viel zierlicher ists, es wie *oh*, also *ohro*, *ohtro*, zu lesen. (Junk 1778: II,8)²

(*Ou* é pronunciado por algumas pessoas como *oi*, de maneira que leem *ouro* como *oiro*, *outro* como *oitro*; mas é muito mais gracioso lê-lo como *oh*, portanto *ohro*, *ohtro*.)

Ao lado de [ow] e [oj], Junk indica claramente a existência da pronúncia [o], representada pela grafia correspondente alemã <oh>, que Junk prefere à pronúncia ditongada. Ao todo parece uma avaliação adequada, visto que as três pronúncias coexistem, com certas restrições, até aos nossos dias, e dado que a norma pede, exceto em algumas exceções, [o]. É interessante realçar que Junk traduziu este parágrafo quase, palavra por palavra, da *Grammatica anglo-lusitanica* de Castro (1751). A pronúncia de <ou> indicada de Castro, não permite, porém, conclusões definitivas:

2 Nos três livros, o texto alemão é escrito em caracteres góticos e os exemplos portugueses em caracteres latinos, o que é marcado aqui por itálicos

Ou is sounded by some like *oi*; thus, *ouro*, Gold, is pronounced by some *óiro*; *óutro*, another, they read *óitro*; but the politer Way is to pronounce it like the *ow* in a Bow; thus *outro*, r. *owtro*; *ouro*, r. *owro*, &c. (Castro 1751:6)

Meldola apenas menciona a alternância *ou – oi* (Meldola 1885: 23), como faz o seu modelo Argote (1725: 346). Wagener (1802: II, XII) cinge-se igualmente a identificar as duas pronúncias *ou* e *oi*.

2.2. Passagem de [tʃ] a [ʃ]

Junk (1778: II,4) declara que <ch> se pronuncia como o <sch> alemão, [ʃ]:

Cha, che, chi, cho, chu, wird ausgesprochen wie das Deutsche *scha, sche, schi, scho, schu*; als *chave*, der Schlüssel; *chegar*, ankommen; *chinéla*, ein Pantoffel; *chorar*, schreien; *chapar* [sic], saugen; wie *schawe, schegar* u.s.w.

Trata-se novamente de uma tradução literal do texto de Castro, com a diferença que Castro se refere ao [tʃ] inglês com os seus exemplos *chamber, cherry, child, choice* e *church*. Não se sabe ao certo se Junk estava consciente da diferença entre a pronúncia dos exemplos ingleses e alemães. É possível que, para o autor, a pronúncia [ʃ] fosse a normal, não sendo todavia de excluir que o autor apenas tivesse procurado buscar exemplos alemães, que lhe pareciam equivalentes aos ingleses.

A descrição de Meldola (1785: 370) parece pouco clara:

As letras Cha, Che, Chi, Cho, Chu, pronunciaõ muitos erradamente por lhe não saberem dar o som verdadeiro, que he a de / algo mais apertado entre os dentes & o paadar, como se ve nos Exemplos das palavras da seguinte Taboa. *Cha, Che, Chi, Cho, Chu. Exemplo: Chamar, Chegar, China, Chorar, Chumbo.*

A transcrição alemã deixa, porém, transparecer que Meldola visa uma pronúncia africada:

Cha dscha, che dsche, chi dschi, cho dscho, chu dschu. Exemplo: *chamar, chegar, china, chorar, chumbo*; dschamar, dschegar, dschina, dschorar, dschumbo. (Meldola 1785: 370)

Neste caso, Meldola não segue diretamente Madureira Feijó, quando este afirma que já na sua época a pronúncia [ʃ] era comum em

Lisboa, embora considerada como “vício”.³ Meldola só faz alusão a uma “pronúncia errada” que não explica em pormenor.

O motivo da seleção de *dscha*, *dsche*, *dschi* etc. em vez de *tscha*, *tsche*, *tschi* etc. para a transcrição em grafia alemã não se afigura muito evidente, porque o <dsch> serve, hoje em dia, acima de tudo para representar o fonema [dʒ], como em *Dschungel*. Do ponto de vista articulatorio, é, de facto, explicável, uma vez que o [t] alemão é mais aspirado do que o elemento oclusivo da africada [tʃ].

Wagener (1802:II, VI) descreve também um som africado que transcreve igualmente como <dsch> (*adschar*, *dschamar*, *dschorar*, *dschupar* para *achar*, *chamar*, *chorar*, *chupar*). Utiliza a mesma grafia na sua gramática espanhola (Wagener ²1807: VIII; exemplos: *dschasko*, *dschiko*, *nodsche* para *chasco*, *chico*, *noche*), e é possível que tenha equiparado os sons do espanhol e do português por uma questão de comodidade ou simplesmente por ignorância.

2.3. Chiamento

A pronúncia [ʃ] e [ʒ] do *s* e *z* no final de sílaba é atestada por Luís Antonio Verney, para a primeira metade do séc. XVIII (Teyssier 2007: 66), mas durante muito tempo não se reflete nas gramáticas. Segundo Teyssier (2007: 67) é só num manual para franceses de 1799, o *Maître portugais*, tradução de um anónimo da *New Portuguese Grammar* de António Vieira Transtagano (cf. aqui a edição Vieyra 1777), que se transcreve o *-s* final pelo francês <ch>.

Dos três gramáticos alemães, Junk diz que o *s* se pronuncia “como em outras línguas” (“wie in anderen Sprachen”, Junk 1778: II,6), Wagener (1802: II, X) “como em alemão e em todas as línguas” (“wie im Deutschen und allen Sprachen”)⁴. Junk acrescenta que o *s* simples se pronuncia “em todos os casos um pouco mais agudamente do que em alemão” (“das einfache s in allen Fällen etwas schärfer als

3 “A terceira regra errada na pronunção he a de *Cha*, *Che*, *Chi*, *Cho*, *Chu*, que nas Eschólas de Lisboa por vicio patrio pronunçião com som de *X*. A quarta he nas mesmas a regra de *Xa*, *Xe*, *Xi*, *Xo*, *Xu*, que pronunçião com som de *Ch*, e por isso em *Chave* pronunçião *Xave* e em *Cartáxo* pronunçião *Cartacho* &c. Para emendarem este abuso da pronunçião, pronunciem, e ensinem a pronunciar ás avéssas, mudando para a regra de *Cha*, *Che* &c. o som com que pronunçião *Xa*, *Xe* &c. e para esta o som, com que pronunçião aquella”. (Feijó 1734: 548; Pinho 2006: 449-450)

4 Encontram-se afirmações semelhantes nas gramáticas inglesas: Castro (1751: 4), indubitavelmente o modelo direto para Junk), *Compleat account* (1701: *Grammatica Anglo-Lusitanica* [1]) e Vieyra (1768: 2).

im Deutschen"). Se *scharf* significa, como em alemão atual, "surdo", esta informação não pode corresponder à realidade porque o português, à semelhança do alemão, conhece (e sempre conheceu) uma diferença fonológica entre [s] e [z]. É possível que Junk tivesse adotado esta descrição duma gramática do espanhol.

Meldola segue outra vez Argote (1725: 345), fazendo a distinção entre [s] e [z] ("A letra S em muitas palavras tem o som da letra Z assim como *Cousa, Feroso, Rosa*" (Meldola 1785: 23), mas naturalmente não menciona uma possível pronúncia chiante do *s* ou *z*.

2.4. "Redução" das vogais átonas

A questão das vogais átonas fica, como diz Teyssier (2007: 68), "um dos pontos mais obscuros, da história do português". Segundo as afirmações da grande maioria dos autores do séc. XVIII, a pronúncia das vogais átonas *e*, *o* e *a*, pretónicas ou finais, é sempre [e], [o] e [a] e não como no português europeu atual [ə], [ɐ], [u]. O certo é que todas estas mudanças linguísticas estavam concluídas no português padrão no início do século XIX.⁵

O único dos três gramáticos alemães que faz alusão a um fenómeno de redução é Junk, que escreve a propósito da letra *e* antes de *s* seguido de consoante:

E wie im Deutschen: *edificar*, bauen. In allen mit *es* anfangenden, wo auf das *s* noch ein Consonant folgt, wird das *e* kaum gehört, und nur durch das Anstoßen der Zunge an den Gaumen ausgedrückt; als *escóla*, die Schule, *esta*, ist, fast wie *scola*, *sta*. (Junk 1778:II,2)

(*E* como em alemão: *edificar*. Em todas as palavras que começam por *es*, nas quais o *s* é seguido por uma consoante, o *e* quase não se ouve e é apenas expresso por um toque da língua no palato; como em *escóla*, *esta*, quase como *scola*, *sta*.)

É interessante notar que Junk se afasta aqui do seu modelo Castro, ainda que apenas parcialmente. Para Castro, não só o *e* de *edificar* é um som como [ɛ], mas também em *escola*, pronunciado segundo ele [ɛs'kɔla]: "*E* sounds like the English *e* in *every*, or *a* in

5 A pronúncia do *-o* final como [u] poderia ser muito mais antiga (Schäfer-Prieß/Schöntag 2012: 52).

same; edificar, to build, r.adificaur; escola, a School, r. Ascólau'. (Castro 1751: 1-2)

Junk admite uma pronúncia com “e alemão” (o que pode ser, teoricamente [e], [ɛ] ou [ə], sendo [e] o mais e [ə] o menos típico) unicamente para *edificar*, mas atribui a *escola* uma pronúncia como [ʰs'kɔla] ou, talvez, [s'kɔla], respetivamente [ʰskɔla]. Como a grande maioria dos gramáticos contemporâneos, Junk não faz neste contexto alusão a uma palatalização do *s*, embora este fenómeno já devesse na altura existir há muito tempo e ser prática recorrente (ver acima). Se Junk tivesse ouvido um [ʰʃkɔla] (ou já [ʰʃkɔle]) / [ʃ'kɔla] / [ʃ'kɔla], poderia facilmente ter descrito o [ʃ] através do recurso ao grafema alemão <sch>. Não se pode decidir se Junk não o fez por não ter ouvido a pronúncia palatal nos anos sessenta do séc. XVIII, em Portugal, ou se não ousou contradizer as autoridades, o que fez, contudo, no caso da pronúncia do *e* pretónico.

3. Conclusão

As gramáticas, sobretudo as gramáticas para estrangeiros, parecem fontes ideais para a reconstrução da pronúncia numa certa época. Não é, porém, assim tão fácil. O exemplo dos três primeiros autores alemães de gramáticas portuguesas demonstra os problemas típicos a respeito da utilização de gramáticas para estrangeiros para estudos relativos à pronúncia em níveis remotos de uma língua:

1. Os autores dos manuais podem ter conhecimentos bastante reduzidos da língua que pretendem ensinar. Dos três autores aqui considerados, aparentemente, apenas Abraham Meldola dominava o português perfeitamente; é possível, porém, que vivendo em Hamburgo, não estivesse familiarizado com as novas tendências em Portugal. Dos dois outros autores, Junk parece mais bem informado do que Wagener, porque tinha passado dois anos em Portugal, sem, todavia, segundo parece, ter tido muitos contactos com nativos. Contudo, é da autoria de Junk o comentário mais interessante para o presente estudo.

2. Os autores podem ser influenciados por outras línguas. No caso do português, é especialmente o espanhol, mais divulgado e mais bem documentado, que pode interferir. Wagener, por exemplo, era professor de espanhol – que aparentemente dominava melhor do que o português –, e já tinha publicado uma gramática espanhola que, em

grande parte, simplesmente aproveitou na sua gramática portuguesa. As descrições fonéticas do português revelam-se, por conseguinte, em grande parte inadequadas.

3. A adesão a autoridades gramaticais de tempos passados pode revelar-se perigosa para a objetividade da análise e dos comentários tecidos, como mostra o caso de Meldola, que copiou obras escritas anteriores à sua em meio século, sem qualquer tipo de olhar ou reflexão crítica.

Mas o plágio, prática corrente na época, não reduz forçosamente a qualidade da descrição, como mostra o caso de Junk. Um bom modelo e uma adaptação crítica podem levar a resultados aceitáveis.

Não é fácil, portanto, conseguir extrair dos antigos manuais informações úteis sobre a pronúncia contemporânea (o mesmo pode também afirmar-se para a morfosintaxe, Schäfer-Prieß 2005). Por outro lado, o facto de as poucas informações confiáveis que temos provirem de obras metalinguísticas mostra que vale a pena o esforço.

Bibliografia

- Argote (1725): Jeronymo Contador de Argote, *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*. Lisboa Occidental, Officina da Musica (2^a1725).
- Castro (1751): J. Castro, *Grammatica Anglo-Lusitanica & Lusitano-Anglica: or, a New Grammar, English and Portuguese, and Portuguese and English; divided into two parts. The second edition. To which is now added Grammatica Anglo-Lusitanica & Lusitano-Anglica: ou, Grammatica Nova, Ingleza e Portugueza, e Portugueza e Ingleza*. London, Meadows, Comyns (2^a1751).
- Compleat Account* (1701): *A Compleat Account of the Portugueze Language being a Copious Dictionary of English with Portugueze and Portugueze with English together with an Easie and Unerring Method of its Pronunciation, by a distinguishing Accent, and a Compendium of all the necessary Rules of Construction and Orthography digested into a Grammatical Form*. [atribuído a Alexander Justice] (1701) London, Janeway.
- Heinsohn (red.) (2006): Kirsten Heinsohn (red.), *Das jüdische Hamburg. Ein historisches Nachschlagewerk*. Herausgegeben vom

- Institut für die Geschichte der deutschen Juden. Göttingen, Wallstein.
- Junk (1778): Johann Andreas von Junk, *Portugiesische Grammatik. Nebst einigen Nachrichten von der portugiesischen Litteratur, und von Büchern, die über Portugall geschrieben sind*. 2 vol. Frankfurt an der Oder, Strauß
- Körner (1994): Karl-Hermann Körner, „Sobre Abraham Meldola e a sua Nova Grammatica Portugueza de 1785.“, em Studemund-Halévy, Michael; Koj, Peter (edd.): *Die Sefarden in Hamburg. Zur Geschichte einer Minderheit*. Erster Teil. Hamburg: Buske, pp. 375-382.
- Meldola (1785): Abraham Meldola, *Nova grammatica portugueza. = Neue portugiesische Grammatik*. Hamburg, Bock.
- Mühlschlegel (2011): Ulrike Mühlschlegel, „‘A língua portuguesa já fez progressos na Alemanha’: Johann Daniel Wagener e os primórdios da lexicografia bilíngue português-alemão“. *Antares* 5, 4-19. Disponível em:
<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/900>
- Nagel (1980): Rolf Nagel, “Das erste deutsche Portugiesischlehrbuch (1778-1779)“. *Historiographia Linguistica* 7/3, 361-367.
- Pinho (2006): Maria Isabel Carrilho Prates Pinho, *Orthographia de Madureira Feijó: Edição e estudo de aspectos lexicográficos*. Dissertação, Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas.
- Révah (1959): I. S. Révah, “Comment et jusqu’à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVI^e-XVII^e siècles?“, in *III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Lisboa 1957. Actas*. Vol. I. Lisboa, pp. 273-291.
- Schäfer-Prieß (2006): Barbara Schäfer-Prieß, "Das *pretérito perfeito composto* bei Jerónimo Soares Barbosa und Francisco de São Luís.", in Endruschat, Annette; Kemmler, Rolf; Schäfer-Prieß, Barbara (edd): *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*. Tübingen, Calepinus, 247-262.
- Schäfer-Prieß/Schöntag (2012): Barbara Schäfer-Prieß e Roger Schöntag, *Spanisch/Portugiesisch kontrastiv*. Berlin, Boston, De Gruyter.

Teyssier (2007): Paul Teyssier, *História da língua portuguesa*. São Paulo, Fontes.

Vieyra (1777): Antonio Vieyra, *A new Portuguese Grammar in 4 parts*. London, Nourse.

Wagener (1800-1802): Johann Daniel Wagener, *Portugiesische Sprachlehre. Nebst Uebungen zur Anwendung der Grundsätze der Wortfügung und Schreibart dieser Sprache*. 2 vol. Hamburg, Vollmer.

Wagener (²1807): Johann Daniel Wagener: *Spanische Sprachlehre, Nebst Uebungen zur Anwendung der Grundsätze der Wortfügung und Schreibart*. Leipzig, Crusius.